

C.G. JUNG

O B R A C O M P L E T A

10/2

CIVILIZAÇÃO EM MUDANÇA

Aspectos do
drama
contemporâneo

C.G. Jung

Aspectos do drama contemporâneo

10/2

 EDITORA
VOZES

Petrópolis

Comissão responsável pela organização do lançamento da Obra Completa de C.G. Jung em português:

Dr. Léon Bonaventure

Dr. Leonardo Boff

Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva

Dra. Jette Bonaventure

A comissão responsável pela tradução da Obra Completa de C.G. Jung sente-se honrada em expressar seu agradecimento à Fundação Pro Helvetia, de Zurique, pelo apoio recebido.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Jung, Carl Gustav, 1875-1961.

Aspectos do drama contemporâneo / C.G. Jung ; tradução de Márcia C. de Sá Cavalcante ; revisão técnica Jette Bonaventure. –
Petrópolis, RJ : Vozes, 2013.

Título original: Zivilisation im Übergang.

Bibliografia

ISBN 978-85-326-4103-8 – Edição digital

1. Civilização moderna – Século XX 2. Psicanálise I. Título.

07-0654

CDD-150.1954

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise : Sistema junguiano : Psicologia 150.1954

© 1974, Walter Verlag, AG, Olten

Título original: *Zivilisation im Übergang* (Band 10)
Partes IX-XIII e XIX-XXI

Editores da edição suíça:

Marianne Niehus-Jung

Dra. Lena

Hurwitz-Eisner Dr. Med.

Franz Riklin Lilly

Jung-Merker

Dra. Fil. Elisabeth Rűf

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa:

1988, Editora Vozes Ltda.

Rua Frei Luís, 100

25689-900 Petrópolis,

RJ

Internet: <http://www.vozes.com.br>

Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

Diretor editorial

Frei Antônio Moser

Editores

Aline dos Santos

Carneiro José Maria da
Silva

Lídio Peretti

Marilac Loraine Oleniki

Secretário executivo

João Batista Kreuch

Tradução: Lúcia Mathilde E. Orth

Revisão técnica: Dra. Jette Bonaventure

Revisão literária: Orlando dos Reis

Projeto gráfico: AG.SR Desenv. Gráfico

Capa: 2 estúdio gráfico

ISBN 978-85-326-2424-6 (Obra Completa de C.G. Jung)

ISBN 978-85-326-4103-8 (edição brasileira digital)

ISBN 3-530-40710-0 (edição suíça impressa)

Editado conforme o novo acordo ortográfico.

Sumário

[Prefácio dos editores](#)

[IX Prefácio a “Ensaio sobre História Contemporânea”](#)

[X Wotan](#)

[XI Depois da catástrofe XII](#)

[A luta com as sombras](#)

[XIII Posfácio a “Ensaio sobre História Contemporânea”](#)

[XIX O significado da linha suíça no espectro europeu](#)

[XX A aurora de um novo mundo](#)

[XXI Um livro novo de Keyserling “A revolução mundial e a responsabilidade do espírito”](#)

[Referências](#)

[Índice](#)

[onomástico](#)

[Índice analítico](#)

[Textos de capa](#)

X

Wotan^[1]

*“Surgirão na Alemanha diversas seitas,
E quase chegarão a um feliz paganismo,
O coração cativo e pequenas receitas,
Voltarão a pagar o verdadeiro dízimo.”*

(Profecias do Mestre Michel Nostradamus, 1555)^[1]

[371]^[**] Com a Primeira Guerra Mundial, a Europa viu nascer um tempo caracterizado por acontecimentos até então inimagináveis. Considerava-se uma fábula a guerra entre nações cultas ao se sustentar a opinião de que semelhante absurdo seria impossível num mundo organizado racionalmente em escala internacional. Todavia, o que se seguiu à guerra foi uma verdadeira dança das bruxas: revoluções fantásticas, alterações nos mapas geográficos, retrocessos políticos a modelos medievais e antigos, Estados absorvendo povos cujo totalitarismo superou em muito todas as tentativas teocráticas anteriores, perseguição de cristãos e judeus, matanças políticas e, por fim, um belo ataque de pirataria contra um povo pacífico de cultura mediana^[2].

[372] Não devemos estranhar que se isso ocorre no grande mundo também acontece em menores escalas e outras esferas. Ainda teremos de esperar algum tempo até que a filosofia possa apreender mais profundamente a época em que vivemos. Já no campo religioso aconteceram coisas curiosas. O fato de na Rússia se ter introduzido um ateísmo de péssimo gosto e pouca inteligência, para substituir a riqueza variada da Igreja grega ortodoxa, não é de admirar, por mais que se possa lamentar o baixo nível espiritual da reação “científica”. No Oriente Próximo também respiramos aliviados quando saímos de

ambientes esfumaçados por muitas lamparinas que se fazem passar por Igrejas ortodoxas e chegamos a uma mesquita decente em que a presença invisível de Deus não tenha sido substituída pelo exagero de ritos e objetos sagrados. Mas em algum momento haveria de nascer também para a Rússia o século XIX com sua racionalidade “científica”.

[373] O mais espantoso, porém, é que num país verdadeiramente culto, que se acreditava já bem distante da Idade Média, um antigo deus da tormenta e da embriaguez, Wotan, que durante muito tempo permanecera em repouso histórico, qual vulcão extinto, pudesse redespertar. Isso é na verdade picante. Como sabemos, esse deus ressurgiu no movimento da juventude e, desde o começo, seu reaparecimento foi celebrado com sacrifícios cruentos de ovelhas. Eram aqueles jovens louros (por vezes também moças) que se podia ver marchando em todas as ruas, do cabo Norte até a Sicília, com mochilas e alaúdes, os verdadeiros servidores do deus da errância. Mais tarde, no final da República de Weimar, também aderiram a essa marcha os milhares de desempregados que se podiam encontrar, por toda parte, numa migração sem destino. Em 1933, já não se caminhava mais. Marchava-se aos milhares, desde crianças de cinco anos até veteranos. Hitler pôs literalmente de pé a Alemanha e produziu *in loco* o espetáculo de uma migração de povos. Wotan, o errante, voltava a despertar. No norte da Alemanha, numa seita de gente muito simples, o antigo deus podia ser visto numa sala de reuniões, sentado num cavalo branco e vergonhosamente invocado como Cristo. Não sei se essa gente atinou com o parentesco originário entre Wotan e a figura de Cristo e Dioniso; provavelmente não.

[374] Wotan, o incansável errante, o agitador, que ora aqui ora ali provoca a disputa ou exerce efeitos mágicos, foi transformado pelo cristianismo no demônio, só aparecendo como fogo fátuo em noites de tormenta ou como caçador fantasmagórico acompanhado de sua comitiva nas tradições locais cuja tendência era o desaparecimento. Sem dúvida alguma, o papel do errante sem trégua foi desempenhado, na Idade Média, pela figura então surgida de

Ahasverus que não constitui uma lenda judaica e sim cristã, ou seja, o motivo do errante não incorporado por Cristo precisou ser projetado para os judeus, da mesma maneira que encontramos, nos outros, conteúdos que se tornaram inconscientes para nós. Em todo caso, a coincidência entre o antissemitismo e o redespertar de Wotan é uma *finesse* psicológica que deve ser mencionada...

[375] Não foram apenas os jovens alemães, entusiastas do solstício, que escutaram o êxtase da selva originária do inconsciente. Já bem antes, Nietzsche, Schuler, Stefan George e Klages o haviam pressentido^[3]. A cultura renana e a que se situa ao sul da linha do Reno, na verdade, não conseguem se desprender facilmente do engrama clássico e por esse motivo remetem com tanto gosto esse pressentimento ao antigo êxtase e agitação de Dioniso, *puer aeternus* (a eterna criança), e a Eros cosmogônico^[4], apoiando-se nos modelos classicistas. Sem dúvida, isso é bem mais culto e refinado do que Wotan, embora este seja mais correto. Wotan é um deus da tormenta e da efervescência, desencadeador das paixões e das lutas e, além disso, mago poderoso e artista das ilusões, ligado a todos os segredos de natureza oculta.

[376] O caso de Nietzsche é bem particular. Ele desconhecia inteiramente as tradições germânicas. Descobriu a cultura burguesa vulgar e, como “Deus morreu”, um deus desconhecido veio ao encontro de Zarathustra de forma inesperada, ora se lhe opondo com hostilidade, ora se escondendo em sua própria figura. Assim, Zarathustra é, por sua vez, adivinho, mago e vento tempestuoso:

“Como um vento, quero um dia soprar entre eles e com meu espírito cortar a respiração ao seu espírito; assim quer o meu futuro.

Na verdade, Zarathustra é um vento forte para todas as terras baixas e dá este conselho a seus inimigos e a todos que cospem e vomitam:

Guardai-vos de cuspir contra o vento!”^[5]

[377] No sonho em que Zarathustra^[6] é o vigia das tumbas no castelo da morte, ao abrir a porta,

“... um vento trovejante, sibilante, estridente, cortante,
fez subitamente saltar os batentes, lançando sobre
mim um negro

ataúde.

E por entre rugidos, assobios e gritos estridentes, o ataúde rompe-se, despedindo mil gargalhadas.”

[378] Interpretando o sonho, disse o discípulo a Zaratustra:

“Mas não eras tu mesmo esse vento sibilante e agudo que abre as portas do castelo para os cidadãos da morte?

Não eras tu mesmo o ataúde cheio das constantes malignidades e momices angélicas da vida?”

[379] Nessa imagem surge com toda a força o segredo de Nietzsche. Já em 1864 escrevia no poema “Ao deus desconhecido”^[7]:

Quero conhecer-te, desconhecido,
que te apoderes do fundo de minha alma,
que atraveses minha vida como uma tormenta,
tu, impalpável, parente meu,
quero conhecer-te e até servir-te.

[380] E vinte anos mais tarde em seu belo “Cântico ao Mistral” disse:

Vento mistral, caçador de nuvens,
assassino das aflições, varredor dos céus,
efervescente, como te quero!
Acaso não somos nós dois
primevos de um único seio,
ligados eternamente por
uma mesma sorte?^[8]

[381] No ditirambo, chamado “Lamento de Ariadne”^[9], ele é a vítima mais integral do deus caçador. E a poderosa autolibertação de Zaratustra nada pode fazer para salvá-lo.

Caído, a tremer,
como um moribundo, cujos pés são aquecidos,
sacudido, ai! por febres desconhecidas, tremendo
ante as pontiagudas flechas da geada,
perseguido por ti, pensamento!
Inefável! Oculto! Terrível!
Tu, caçador escondido atrás das nuvens!
Fulminado por ti,
olho zombeteiro que me observas na escuridão: – assim jazo,

me curvo, me contorço, atormentado
por todos os suplícios eternos, ferido
por ti, crudelíssimo caçador,
Deus desconhecido!

[382] A figura admirável do deus-caçador não é apenas uma linguagem de ditirambo mas uma vivência do próprio Nietzsche quando tinha 15 anos, na escola de Pforta. Essa vivência foi narrada no livro de Elisabeth Förster-Nietzsche, *Notas biográficas*^[10]. Conta a descrição feita por Nietzsche de um fantástico passeio noturno numa floresta sombria onde se assustou primeiramente ao ouvir um “grito agudo que vinha de um manicômio vizinho” e, em seguida, ao encontrar um caçador com “traços fisionômicos selvagens e incríveis”. Num vale, “cercado de brenha selvagem”, o caçador levou aos lábios um apito e “fez soar um som estridente”, com o que Nietzsche perdeu os sentidos, redespertando em Pforta. Fora um pesadelo. Também significativo é o fato de o sujeito do sonho, que na verdade pretendia dirigir-se a Eisleben, cidade de Lutero, ter discutido com o caçador se deveria ir para Eisleben ou para o “Teutschental”^[10a]. O apito estridente do deus da tormenta na floresta noturna é inequívoco.

[383] Será que essa vivência nasceu apenas do filólogo clássico que havia em Nietzsche ou será que não encontrou origem também no encontro fatídico com Wagner, onde o deus se chamava Dioniso e não Wotan?

[384] Bruno Goetz, em seu livro *Reich ohne Raum*, teve uma curiosa visão dos acontecimentos que deveriam suceder na Alemanha. Desde a época em que foi publicado, considere esse livro como um prognóstico da atmosfera alemã e jamais o perdi de vista. Ele percebeu a oposição entre o reino das ideias e o reino da vida do deus da tormenta e da meditação secreta, que desapareceu quando teve seus carvalhos derrubados e reaparece quando o deus dos cristãos se mostra demasiado fraco para salvar a cristandade de uma matança fratricida. Enquanto o Santo Padre em Roma, destituído de todo poder, lamentava perante Deus a causa do *grex segregatus*, o velho caçador ria no bosque germânico e selava seu corcel

Sleipnir^[10b].

[385] Esqueçamos por alguns momentos que nos encontramos no ano de 1936 e que, coerentemente com essa data, deveríamos explicar racionalmente o mundo, tomando por base os fatores econômicos, políticos e psicológicos. Se deixarmos um pouco de lado essa racionalidade bem-intencionada, demasiada humana e, caso nos seja lícito, colocarmos o peso da responsabilidade do que hoje ocorre não mais no homem mas em Deus ou nos deuses, a hipótese de Wotan, enquanto causa, faria sentido. Atrevo-me a proferir a heresia de que o velho Wotan, com seu caráter abissal e inesgotável, é uma explicação bem mais acertada do nacional-socialismo do que todos os outros três fatores reunidos. Embora cada um desses fatores esclareça aspectos relevantes dos acontecimentos atuais na Alemanha, Wotan nos diz ainda mais, sobretudo, no que diz respeito ao fenômeno de ordem geral, diante do qual o não alemão, por mais profunda que seja a reflexão sobre os seus fundamentos, vê-se desconcertado e incapacitado para compreender.

[386] Talvez se possa designar esse fenômeno geral de “possessão”. Esta expressão supõe, em primeiro lugar, um “possuidor” e um “possuído”. Desde que não se queira deificar Hitler, o que aliás já ocorreu, resta-nos apenas Wotan, o “possuidor” dos homens. Seu primo Dioniso compartilha essa mesma característica, embora ele a tenha estendido também às mulheres. As mênades formaram uma S.A. (“milícia parda”) feminina que, a julgar pelo relato mítico, não era nada inofensiva. Wotan limita-se aos homens-feras, empregados como guardas pessoais dos reis míticos.

[387] Mesmo que o espírito, por infantilidade, considere os deuses como entes metafísicos existentes por si mesmos, ou como invenções supersticiosas, o paralelo entre Wotan redivivo e a corrente social, política e psíquica que sacode a Alemanha atual pode valer, ao menos, como uma semelhança ou um “como se”. Na verdade, os deuses constituem personificações de forças psíquicas, e a afirmação metafísica de seu ser em si é tanto uma presunção intelectual quanto a opinião de que sejam invenções. “Forças psíquicas”, propriamente, nada têm a ver com a consciência, embora seja muito comum a

identificação entre consciência e psique, o que, no fundo, é uma mera presunção do intelecto. A ilusão iluminista teve naturalmente como solo de sua existência o medo do metafísico, já que um e outro, desde o princípio, sempre foram irmãos hostis. A “força psíquica” está bem mais relacionada à psique inconsciente e é por isso que tudo o que sobrevém inesperadamente ao homem dessa região obscura é sempre considerado ou como algo que vem de fora, sendo então real, ou como uma alucinação, ou seja, não verdadeiro. O que a humanidade ainda não se deu conta é de que alguma coisa pode ser verdadeira mesmo não tendo vindo de fora.

[388] Visando aprofundar nosso entendimento, poderíamos abandonar o nome e o conceito de “Wotan”, tão carregados de preconceitos, e caracterizar o fenômeno como um “furor teutonicus”. No entanto, essa não seria a melhor expressão, pois o “furor” é somente uma psicologização de Wotan, e exprime apenas que o povo se encontra num estado de enfurecimento. Não diz, portanto, uma peculiaridade fundamental do fenômeno que é o aspecto dramático do possuidor e dos que por ele são possuídos. Esse aspecto é o que torna mais impressionante o fenômeno alemão: o fato de alguém ser manifestamente possuído e possuir de tal maneira todo o povo a ponto de fazer tudo girar e resvalar fatalmente no perigo.

[389] Wotan me parece uma hipótese bastante adequada. Tem-se a nítida impressão de que ele realmente apenas ficou dormindo na montanha de Kyffhäuser até que os corvos lhe anunciaram a brisa matutina; Wotan, característica fundamental da alma alemã, “fator” psíquico de natureza irracional, um ciclone que abate e derruba a forte pressão cultural. Aqueles que creem em Wotan parecem ter visto as coisas com mais precisão do que os adoradores da razão, apesar de seu lado extravagante. O que se esquece por completo é que Wotan é um dado germânico primordial, a personificação insuperável de uma propriedade fundamental que pertence, sobretudo, ao povo alemão (ou ariano). Houston Stewart Chamberlain constitui um outro sintoma para a suspeita de que também em outros lugares existam deuses velados que estão apenas dormindo. A raça germânica (vulgo ariana), a nação germânica, o sangue e o solo, os

cantos de Wagalaweia, os ritos das Valquírias, o Jesus épico, louro e de olhos azuis, a mãe grega de Paulo, o demônio (um Alberich internacional em versão judia e maçônica), as luzes nórdicas da cultura polar, a inferioridade das raças mediterrâneas, todos esses são elementos de uma encenação inevitável que dizem a mesma coisa, qual seja, a possessão divina dos alemães cuja morada encontra-se “atravessada por um vento potente”. Se não me falha a memória, logo após a tomada do poder por Hitler apareceu no famoso “Punch” um cartum que trazia a imagem de um homem-fera libertando-se de suas correntes. Enquanto todos nós acreditávamos no bom tempo, a Alemanha vivia um temporal.

[390] Na Suíça, nosso país, tanto do norte como do sul sopra um vento inofensivo e suspeito, tão idealista que ninguém chega a se aperceber de nada. *Quieta non movere* (Não mexer no que está quieto) é uma sabedoria que muito nos convém. Muitas vezes os suíços são censurados por demonstrarem grande resistência em se assumirem como um problema. Devo rebater essa opinião e dizer que o suíço é um povo pensativo, mas não o diz, de maneira alguma, mesmo considerando por onde o vento sopra. Desse modo, pagamos nosso pesado tributo ao tempo tormentoso e ao ímpeto germânicos na impressão de que somos melhores. Entretanto, o que ocorre realmente é que os alemães dispõem agora de uma oportunidade histórica única para aprender a ver no mais íntimo de si, de que labirintos obscuros da alma o cristianismo pretendia salvar o homem.

[391] A Alemanha é um país de catástrofes espirituais em que certos fatos naturais convivem apenas na aparência de maneira pacífica com a senhora do mundo, a razão. O adversário é um vento, que sopra desde os confins do mundo e da antiguidade da Ásia, da Trácia à Alemanha em direção à Europa, fazendo com que, exteriormente, os povos se amontoem como folhas secas e, interiormente, gerem pensamentos capazes de estremecer o mundo; é um Dioniso elementar que rompe e desfaz a ordem apolínea. Wotan é o nome desse desencadeador de tempestades. Se pretendemos conhecer o seu caráter de maneira mais precisa, é necessário captar não apenas os seus efeitos históricos nas revoluções e conturbações

como também as expressões mitológicas que recebeu em várias épocas, as quais não se explicam com base exclusivamente no homem e em suas possibilidades limitadas, mas encontram suas raízes mais profundas no aspecto psíquico e em sua força autônoma. A intuição primitiva sempre personificou esses poderes na figura dos deuses, caracterizando-os com grande cuidado e abrangência através dos mitos, segundo a sua natureza. Isso é ainda mais possível ao se tratar de tipos e imagens originárias invariáveis que brotam espontaneamente no inconsciente de inúmeros povos e se caracterizam por um comportamento peculiar^[11]. Nesse sentido, podemos falar de um arquétipo “Wotan” que, enquanto fator psíquico autônomo, produz efeitos coletivos que significam a projeção do quadro de sua própria natureza. Wotan possui uma biologia própria, distinta da essência do homem singular que apenas ocasionalmente se vê possuído pela influência irresistível desse fator inconsciente. Nos períodos de paz, a existência do arquétipo Wotan se mostra tão inconsciente quanto uma epilepsia latente. Será que os alemães que em 1914 já eram adultos poderiam imaginar o que viriam a ser em 1935? Esses são os efeitos surpreendentes do deus do vento que sopra de onde lhe apraz e ninguém sabe de onde vem e para onde vai, que se apossa de tudo em seu caminho, devastando o que não tem firmeza. Quando o vento sopra, arrasta tudo o que, exterior ou interiormente, não é seguro.

[392] Os estudos sobre a essência de Wotan foram recentemente completados e aperfeiçoados pela monografia de Martin Ninck^[12], dedicada a esse tema. O leitor pode ter plena certeza que se trata de um estudo científico, feito com toda a objetividade que a matéria exige. Embora esta investigação salvasse o direito da ciência objetiva, compilando e reunindo o material com muita clareza, exatidão e cuidado, pode-se perceber que o autor viveu profundamente o que escreveu. Wotan vibra plenamente em suas veias. Isso não é uma reprovação, mas um aspecto positivo do livro que, sem essa consonância, poderia facilmente se tornar uma compilação aborrecida! Nesse livro, unem-se vida e programa, sobretudo no último capítulo, chamado “Perspectivas”.

[393] Ninck tece uma pintura extraordinária do arquétipo alemão de Wotan. No décimo capítulo, ele o descreve segundo as fontes como homem-fera, deus da tempestade, andarilho, errante, lutador, deus do desejo e do amor, senhor dos mortos e dos guerreiros, conhecedor do oculto, mago e deus dos poetas. Ele não deixou de considerar também o ambiente mítico de Wotan, as Valquírias e Fílgias, pois pertencem ao significado destinal de Wotan. Bastante rica e esclarecedora é a pesquisa feita a respeito dos nomes e sua etimologia. Ela mostra que Wotan incorpora tanto o lado impulsivo-emocional do inconsciente quanto o lado intuitivo-inspirador, sendo, de um lado, o deus da fúria e do delírio e, de outro, o revelador dos signos misteriosos e o provedor dos destinos.

[394] Embora identificado pelos romanos com Mercúrio, sua natureza não corresponde propriamente a nenhum dos deuses gregos ou romanos. Com Mercúrio, Wotan tem em comum a errância, com Plutão e Crono, o domínio dos mortos; com Dioniso, o delírio em sua forma encantatória. O que me surpreende é o fato de Ninck não se referir a Hermes, deus helenístico da revelação que leva o significado de vento enquanto *pneuma* e *nous*. Ele seria desse modo a ponte com o *pneuma* cristão e o milagre de Pentecostes. Da mesma forma que Poimandres, Hermes é um possuidor dos homens. Ninck afirma com razão que Dioniso jamais deixou de se submeter à autoridade onipotente de Zeus, aliás, como todos os outros deuses. Este fato diferencia substancialmente o critério grego do germânico. A execução de Crono, que Ninck levanta como fator de semelhança com Wotan, talvez possa aludir a uma superação ou desintegração do tipo Wotan na Antiguidade. Em todo caso, o deus germânico representa uma totalidade que, num nível primitivo, corresponde a uma condição psíquica em que o homem só queria o que seu deus queria enquanto seu destino dependia desse deus. Já entre os gregos, havia deuses que prestavam ajuda contra deuses, e Zeus, o pai de todos, não estava muito longe do ideal do déspota esclarecido e bem-intencionado.

[395] Wotan, ao contrário, não apresenta nenhum sinal de idade; ele simplesmente desapareceu quando os tempos se voltaram contra

ele, conforme o seu modo de ser, permanecendo invisível por mais de 1000 anos, ou seja, mantendo-se ativo de maneira anônima e indireta. Na verdade, os arquétipos são como leitos de rios, abandonados pelas águas mas guardando sempre a possibilidade de retornar depois de um certo tempo. Um arquétipo é como o curso de uma velha torrente em que fluíam várias águas da vida e que foram profundamente enterradas. E quanto mais tempo tenham seguido uma determinada direção, mais provável que para lá regressem. Enquanto a vida do indivíduo é regulada pela sociedade à semelhança de um canal retensor de águas, sobretudo no âmbito do Estado, a vida dos povos se mostra como o curso de uma torrente do qual ninguém é senhor, ao menos nenhum homem, a não ser aquele Um que foi sempre mais forte do que os homens. A Liga das Nações, que deveria possuir uma autoridade supranacional é, para alguns, ainda como uma criança que precisa de ajuda e proteção ou, para outros, um nascimento prematuro. A vida dos povos transcorre de modo incontrolável, desorientado e inconsciente, à imagem de uma rocha que se precipita encosta abaixo, só se deixando frear por um obstáculo ainda mais poderoso do que ela. É por isso que o acontecer político corre de um beco sem saída para outro, como um riacho na selva que flui por entre barrancas, meandros e pântanos. Quando se trata do movimento da massa e não mais do indivíduo, cessam os regulamentos humanos e os arquétipos passam a atuar. É o que também acontece na vida do indivíduo quando este se vê diante de situações que não mais consegue controlar através das categorias que conhece e dispõe. Por fim, podemos observar com bastante nitidez o que pode fazer um “Führer” diante de uma massa em movimento, ao sul e ao norte de nosso país.

[396] O arquétipo dominante não permanece sempre o mesmo. Isso também se exprime no fato de o reino de paz tão almejado, o reino “milena”, ter sempre limites. Em toda a parte norte da Europa, a figura mediterrânea do pai, ordenador, correto e até amável, viu-se destruída como atestam, inclusive, os destinos atuais das Igrejas cristãs. O fascismo na Itália e a situação espanhola demonstram que esse abalo foi maior do que se poderia supor. A própria Igreja católica

não foi capaz de dar provas de força nesse sentido.

[397] O deus nacional atacou em todas as frentes o cristianismo, quer se dê a esse fato o nome de técnica e ciência como na Rússia, de Duce na Itália, ou de “fé alemã” ou “cristianismo alemão” na Alemanha. Os “cristãos alemães”^[13] constituem uma *contradictio in adiecto* e fariam bem melhor se passassem para o movimento de fé alemã de Hauer^[14], para o campo daquelas pessoas decentes e bem-intencionadas que confessam seu estado de “possuídos”, mas que também tentam revestir a nova realidade da possessão com uma roupagem de conciliação, com características históricas, para não chocar muito. Assim, as grandes figuras da mística alemã, como Mestre Eckhart, por exemplo, que era um alemão e também um possuído, poderiam constituir uma perspectiva consoladora e autêntica. Evitar-se-ia a pergunta mais escandalosa: Quem é o causador desta possessão? – pois esse foi sempre “Deus”. Contudo, quanto mais Hauer, partindo do vasto círculo indo-germânico, começa a se aproximar do “nórdico”, da Edda^[14a] em especial, e quanto mais alemã se torna a fé, enquanto expressão desta possessão, mais claro é o fato de que o deus “alemão” é o deus dos alemães.

[398] É realmente impossível não sentir profunda emoção com a leitura do livro de Hauer, *Deutsche Gottschau – Grundzüge eines deutschen Glaubens (Visão alemã de Deus – características de uma fé Alemã)*. E isso se o considerarmos como um intento trágico e verdadeiramente heroico de um intelectual consciencioso que, por pertencer ao povo alemão, recebeu o apelo e foi possuído, sem o saber, pela voz imperceptível do possuidor e depois tenta construir, com todo o empenho de seu saber e de suas forças, uma ponte entre o obscuro poder vital e o mundo luminoso das figuras e ideias históricas. Mas será que todas essas belas coisas de um passado e de uma humanidade diferente podem dizer alguma coisa sobre o encontro que o homem de hoje faz com uma divindade tão viva e abissal? Decerto essas coisas também serão arrastadas pelo turbilhão do vento como folhas secas e as aliterações da Edda ressoarão através dos textos místicos cristãos, nos poemas alemães e na sabedoria dos Upanixades, e o próprio Hauer será possuído

pelas sugestivas e profundas palavras germânicas primitivas num grau que certamente jamais poderia suportar. Isso não acontece em razão do indólogo que vive no espírito de Hauer e nem da Edda que já existem há muito tempo, e sim por causa do “kairós” que, se olharmos com atenção, chama-se agora Wotan. Por esse motivo, é que aconselharia ao movimento de fé alemã a agir de maneira mais prudente. Os mais entendidos não confundiriam seus adeptos com os prosélitos idiotas de Wotan que, na verdade, são capazes apenas de simular uma fé. Existem defensores do movimento de fé alemã que estariam em condições, do ponto de vista humano intelectual, de não apenas crer como também perceber e saber que o deus dos alemães é Wotan e não o deus universal dos cristãos. Isso não é uma vergonha mas, sobretudo, uma experiência trágica. Foi sempre terrível cair nas mãos de um deus vivo. Nessa perspectiva, Jeová também não constitui exceção e, certamente, muitos filisteus, edomitas, amonitas e outros que se encontravam fora dessa experiência a sentiram como algo bastante desagradável. A vivência semita de Deus a que se chamou Alá foi, durante muito tempo, uma situação extremamente penosa para o conjunto do cristianismo. Nós que observamos de fora estaríamos sendo demasiado severos ao julgar o alemão como responsável por suas ações; talvez fosse mais justo considerá-lo não só sujeito, mas também paciente dessa ação.

[399] Se aplicarmos de maneira consequente nosso modo de observação, teremos de concluir que Wotan ainda haverá de mostrar, além de seu caráter inquieto, violento e tempestuoso, sua outra natureza, a do êxtase e do encantamento. Caso essa conclusão esteja correta, o nacional-socialismo ainda não constituirá sua última expressão e poderemos aguardar coisas insuspeitáveis nos próximos anos ou décadas. O redespertar de Wotan significa um passo atrás e uma volta; o rio represado volta a irromper em seu antigo leito. Na verdade, a represa nunca é eterna, significando bem mais um *reculer pour mieux sauter* (recuar para melhor saltar) e, decerto, a água chegará a superar o obstáculo. Nesse momento, assistiremos a manifestação daquilo que Wotan “murmurava com cabeça de Mime”:

O que murmura Wotan com cabeça de Mime?

Já lhe ferve a fonte: a coroa da árvore do mundo
arde ao som estridente da trompa
que Heimdold empunha para conclamar o exército.
A árvore estremece; mas ainda permanece de pé
com o sussurrante Laurath até que Loge se liberte.
O cão late selvagem diante do desfiladeiro de Hella
até que também se rompam as correntes do corcel indomável.

Pela manhã, segue um gigante, escudado,
erguendo o verme do mundo e levado pela ira de Jote:
ele bate as ondas, gritam os consagrados,
sedentos de cadáveres quando parte o barco da morte.
Pela manhã, ao se aproximarem os Muspilos,
dirige hoje a quilha veloz, mar adentro;
traz a bordo o lobo e a cria lupina,
o irmão da tormenta ao largo do caminho.^[15]

[*]. Publicado pela primeira vez em *Neue Schweizer Rundschau*, nova série III/11 (Zurique, 1936), p. 657-669 e posteriormente em *Ensaio sobre História Contemporânea*. Zurique: [s.e.], 1946.

[1]. “En Germaine naistront diverses sectes, / S’approchant fort de l’heureux paganisme, / Le coeur captif et petites receptes, / Feront retour à payer le vraye disme” (*Prophéties de Maistre Michel Nostradamus*, 1555).

[**]. As indicações entre colchetes no início dos textos indicam número de parágrafo.

[2]. Abissínia.

[3]. As notas 3, 4, 12 e a última parte da 13 foram acrescentadas pelo autor para a tradução inglesa (*Essays on Contemporary Events*. Londres: [s.e.], 1947). Nietzsche acentuou o aspecto dionisíaco por oposição e diferença ao apolíneo. Desde o aparecimento do *Nascimento da tragédia* (1872), o lado obscuro, telúrico e feminino com seus traços fundamentalmente encantatórios e orgiásticos apoderou-se da fantasia dos pensadores e poetas. Pouco a pouco, a irracionalidade foi se transformando em ideal. Isso aparece, por exemplo, no conjunto de pesquisas feitas por Alfred Schuler (†1923) acerca das religiões de mistérios e, sobretudo, na obra de Klages (1872-1956), que desenvolveu a filosofia do irracionalismo. Segundo Klages, o logos e a consciência são os elementos destruidores da vida criadora, pré-consciente. Podemos perceber

nesses autores uma crescente negação da realidade e uma renúncia à vida tal como ela é. Esta posição leva a um culto do êxtase que, por sua vez, culmina na autodissolução da consciência através da morte que, para eles, significa a superação de todas as limitações materiais.

A poesia de Stefan George reúne elementos da cultura clássica, do cristianismo medieval e da mística oriental. George ataca de maneira decisiva o racionalismo dos séculos XIX e XX. Sua mensagem aristocrática da beleza mística e de uma compreensão esotérica da história exerce uma profunda influência na juventude alemã. Sua obra foi utilizada por políticos inescrupulosos para fins de propaganda.

[4]. *Vom kosmogonischen Eros* é o título da principal obra de Klages.

[5]. NIETZSCHE, F. *Also sprach Zarathustra*. Ein Buch für Alle und Keinen. Werke VI. Leipzig: [s.e.], 1911, p. 143.

[6]. *Ibid.*, p. 200.

[7]. *Der werdende Nietzsche, Autobiographische Aufzeichnungen*, p. 239.

[8]. An den Mistral. Ein Tanzlied. NIETZSCHE, F. Werke V. Leipzig: [s.e.], 1900, p. 360.

[9]. *Also sprach Zarathustra*. Op. cit., p. 367 [aqui sem título; como “Klage der Ariadne”. In: NIETZSCHE, F. *Werke VIII*, p. 421s.].

[10]. FÖRSTER-NIETZSCHE, E. (org.). *Der werdende Nietzsche*. Munique: [s.e.], 1924, p. 84s.

[10a]. “Teutschental” é uma antiga forma de “Deutschental”, o vale dos alemães [N.T.].

[10b]. Sleipnir é o cavalo de oito pés de Wotan ou Odin. Esse deus germânico possui vários nomes, dependendo da região. Respeitamos o nome Wotan, escolhido pelo autor [N.T.].

[11]. Leia-se o que diz Bruno Goetz (*Deutsche Dichtung*, p. 36s. e 72s.) a respeito de Wotan ou Odin enquanto deus alemão da errância. Infelizmente só tomei conhecimento desta obra após ter escrito este artigo.

[12]. NINCK, M. *Wodan und germanischer Schicksalsglaube*. Jena: [s.e.], 1935.

[13]. Movimento nacional-socialista dentro da Igreja protestante que busca eliminar todos os vestígios do Antigo Testamento no cristianismo.

[14]. Wilhelm Hauer (* 1881), missionário e depois professor de sânscrito na Universidade de Tübingen, foi o fundador e o dirigente do movimento de fé alemã. Este movimento tenta estabelecer uma “fé alemã”, baseada nas tradições

germânicas e nórdicas tomando por base, entre outros, Mestre Eckhart e Goethe. Esse movimento tentou combinar um número imenso de orientações diferentes: alguns de seus participantes supunham uma forma liquidada de cristianismo e outros recusavam não apenas o cristianismo mas todo e qualquer tipo de religião ou deus. Um dos artigos gerais que introduziu o movimento em 1934 estabelecia como ideal do movimento de fé alemã o renascimento religioso da nação, a partir dos fundamentos herdados da raça germânica. Compare-se o discurso do pastor evangélico do “Conselho Superior da Igreja”, Dr. Langmann, que, “vestido com o uniforme da S.A. e botas de cano longo”, proferiu diante do morto Gustlofp um verdadeiro discurso de preparação para uma viagem ao Hades. Ele levou o morto para Walhalla, pátria dos “mártires Siegfried e Baldur”, que com seu “sacrifício alimentam a vida do povo alemão”, assim como outros o fizeram, Cristo, por exemplo. “Este deus enviou os povos da terra pelos caminhos ruidosos da história... Senhor, abençoei nossa luta. Amém.” Assim concluiu o pastor, escreveu o *Neuer Zürcher Zeitung* (n. 249, 1936). Sem dúvida, foi muito edificante enquanto devoção a Wotan e bastante tolerante para os que creem em Cristo! Será que a Igreja confessional também tende a ser tão tolerante e afirmar sua pregação de que Cristo derramou seu próprio sangue para a salvação dos homens assim como Siegfried, Baldur e Wotan? Hoje em dia essas perguntas inesperadas e grotescas são absolutamente possíveis.

[14a]. Edda constitui o corpo mais antigo da literatura nórdica, dividido em dois livros e datados do século XIII. O primeiro é comumente denominado de Nova Edda e o segundo de Antiga Edda ou Edda poética. Este último é dividido em várias partes em que a primeira, a *Völuspà* (Profecias de Sibila), narra a história dos deuses, dos homens, do nascimento do mundo à morte dos deuses e à destruição do mundo [N.T.].

[15]. Extraído da *Völuspà*, in: EDDA, D. *Gotterlieder und Heldenlieder*. Trad. Hans von Wolzogen. Leipzig: [s.e.], [s.d.], p. 149. [Mime, na mitologia nórdica, é o mais sábio dos deuses da tribo Aesir, também venerado como um espírito aquático. Foi enviado para uma visita aos deuses inimigos onde foi decapitado e sua cabeça enviada para Aesir. Wotan preservou a cabeça com ervas e dela recebeu o conhecimento. Jote, ou Jötun, significa o gigante, verme do mundo; Heimdold, ou Heimdall, é o vigia dos deuses, chamado o deus luminoso que tinha entre todos os deuses a pele mais branca. Os Muspilos são os filhos da terra quente, resplandecente, guardada pelo gigante do fogo que deverão, de acordo com a lenda, ressurgir e destruir o mundo pelo fogo (N.T.).]